



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS VI – POETA PINTO MONTEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – PORTUGUÊS**

MILENA FERREIRA SOUZA ROCHA

**O FALAR NORDESTINO NOS INFLUENCIADORES DIGITAIS: VALORIZANDO
A IDENTIDADE LINGUÍSTICA OU PROPAGANDO O PRECONCEITO
LINGUÍSTICO?**

MONTEIRO-PB

2024

MILENA FERREIRA SOUZA ROCHA

**O FALAR NORDESTINO NOS INFLUENCIADORES DIGITAIS: VALORIZANDO
A IDENTIDADE LINGUÍSTICA OU PROPAGANDO O PRECONCEITO
LINGUÍSTICO?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras
– Português da Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do título de
Licenciada em Letras – Português.

Área de concentração: Linguística.

Orientador: Felipe Coelho de Souza Ladeira.

MONTEIRO-PB

2024

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R672f Rocha, Milena Ferreira Souza.

O falar nordestino nos influenciadores digitais [manuscrito] : valorizando a identidade linguística ou propagando o preconceito linguístico? / Milena Ferreira Souza Rocha. - 2024.
36 f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2024.

"Orientação : Prof. Dr. Felipe Coelho de Souza Ladeira, Coordenação do Curso de Letras - CCHE".

1. Influenciadores digitais. 2. Variação linguística. 3. Metaplasmos. 4. Substituição lexical. I. Título

21. ed. CDD 410

MILENA FERREIRA SOUZA ROCHA

O FALAR NORDESTINO NOS INFLUENCIADORES DIGITAIS: VALORIZANDO A IDENTIDADE LINGUÍSTICA OU PROPAGANDO O PRECONCEITO LINGUÍSTICO?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras – Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras – Português.

Aprovado em: 23/12/2024.

BANCA EXAMINADORA

Aymmée Silveira Santos

Prof. Dra. Aymmée Silveira Santos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Felipe Coelho Souza Rocha

Prof. Dr. Felipe Coelho Souza Rocha (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Noelma Cristina Ferreira dos Santos

Prof. Dra. Noelma Cristina Ferreira dos Santos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me conceder sabedoria e fortalecer minha fé para enfrentar cada etapa deste percurso.

À minha família, que sempre me apoiou e acreditou em mim, minha eterna gratidão. Vocês, mãe Lucineide, pai Marconi e irmã Mariana, são essenciais em minha vida, amo vocês.

Ao meu namorado Mateus, por toda paciência, incentivo e parceria ao longo desta jornada, agradeço.

Às minhas amigas Maria Eduarda e Milena Moreira, que estiveram comigo desde o início, compartilhando momentos de alegria e de tristeza. Sou grata por terem tornado meus dias mais felizes com a presença e o apoio de vocês.

Ao meu orientador, professor Felipe Coelho, por sua dedicação, paciência e incentivo que foram fundamentais para a conclusão deste estudo.

À banca, pela disponibilidade e por gentilmente ter aceitado participar deste momento importante em minha vida, minha gratidão às professoras Noelma Cristina e Aymmé Silveira.

*“O bom professor age como o filósofo Spinoza, que escreveu:
Tenho-me esforçado por não rir das ações humanas, por não as
deplorá-las nem odiá-las, mas por entendê-las”.*

(Marcos Bagno)

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo apresentar uma análise da forma como influenciadores digitais da plataforma *TikTok* expõem a fala nordestina e suas variadas expressões. Querendo representar o Nordeste por meio de expressões típicas e cativar um grande número de seguidores, os influenciadores artificializam diferentes aspectos linguísticos e, consciente ou inconscientemente, acabam por estigmatizar o falar nordestino propagando visões cômicas e ao mesmo tempo preconceituosas. O público digital, muitas vezes desconhecedor das diferentes variações linguísticas regionais, é levado a acreditar que essa visão cômica propagada seja a realidade de toda a região Nordeste, afetando seu prestígio social e cultural. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica seguida de uma análise de caráter qualitativo descritivo de quatro vídeos retirados de dois perfis do aplicativo *TikTok*. Assim, a pesquisa visa contribuir com o estudo da variação linguística, reforçando a ideia de que a língua sofre adaptações dependendo do contexto social e cultural no qual está inserida. As adaptações aqui analisadas são de dois tipos: metaplasmos, diferentes tipos de modificações que podem ocorrer numa palavra, e substituição lexical, quando ocorre uma troca da palavra de acordo com a região, mas sem alteração de significado. Observou-se que os influenciadores digitais, ao mesmo tempo em que valorizam a identidade linguística, também contribuem para a propagação do preconceito linguístico. Ao considerar a identidade cultural, é possível ter uma visão ampla quando se trata de visibilidade em redes sociais, fato esse que pode trazer tanto interpretações positivas como negativas a respeito do regionalismo nordestino.

Palavras-chave: influenciadores digitais; variação linguística no Nordeste; metaplasmos; substituição lexical.

ABSTRACT

The aim of this paper is to present an analysis of how digital influencers on the *TikTok* platform expose Northeastern speech and its varied expressions. Wanting to represent the Northeast through typical expressions and captivate a large number of followers, the influencers artificialize different linguistic aspects and, consciously or unconsciously, end up stigmatizing Northeastern speech by propagating comical and at the same time prejudiced views. The digital audience, often unaware of the different regional linguistic variations, is led to believe that this comic view is the reality of the entire Northeast region, affecting its social and cultural prestige. A bibliographical study was carried out, followed by a descriptive qualitative analysis of four videos taken from two profiles on the *TikTok* app. The research thus aims to contribute to the study of linguistic variation, reinforcing the idea that language undergoes adaptations depending on the social and cultural context in which it is inserted. The adaptations analyzed here are of two types: metaplasms, different types of modifications that can occur in a word, and lexical substitution, when the word is changed according to the region, but without altering the meaning. It can be seen that while digital influencers value linguistic identity, they also contribute to the spread of linguistic prejudice. By considering cultural identity, it is possible to take a broad view when it comes to visibility on social networks, a fact that can lead to both positive and negative interpretations of Northeastern regionalism.

Keywords: digital influencers; linguistic variation in the Northeast; metaplasms; lexical substitution.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Captura da tela do <i>TikTok</i> da influenciadora @jaianegrigoio.....	22
Figura 2 – Captura da tela do <i>TikTok</i> do influenciador @sergiiooliveira.....	26

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Análise das palavras do vídeo 02 “Partes do corpo no Nordeste”	30
Quadro 2 – Análise das palavras do vídeo 04 “Palavras melhores de pronunciar do que as originais”	31

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 REFERENCIAL TEÓRICO	13
2.1 LINGUAGEM, SOCIEDADE E NORMA	13
2.2 SOCIOLINGUÍSTICA E DIVERSIDADE LINGUÍSTICA.....	15
2.3 PRECONCEITO E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO NORDESTE	18
3 ANÁLISE DO <i>CORPUS</i> E DISCUSSÃO DA PESQUISA	22
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS.....	35

1 INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, iremos discutir variação linguística, colocando em destaque o processo das relações de variação que podem influenciar na fala de um sujeito, em particular dos influenciadores nordestinos, que fazem da sua identidade uma representação real ou fictícia para viralizar na rede social *Tiktok*, uma tendência diante da disputa por atenção nas redes virtuais já existentes.

Entretanto, ao abordar relações de linguagens, é necessário discutir sobre o preconceito linguístico, pois os vídeos que são veiculados no aplicativo têm um alto número de visualizações e curtidas, justamente pelas situações cômicas retratadas envolvendo caricaturas da figura nordestina. Há uma exposição associada à mídia para gerar audiência, fazendo dos dizeres nordestinos um personagem ficcional, e, conscientemente ou não, disseminam estigmas, principalmente quando se trata de aspectos linguísticos e variações.

Através deste estudo, analisaremos como os influenciadores digitais do TikTok representam a fala nordestina, com foco nos aspectos linguísticos que marcam essa representação. Para isso, são consideradas as características de metaplasmos, substituições lexicais e as associações culturais feitas por esses influenciadores.

Os vídeos do *Tiktok* foram escolhidos para mostrar como pessoas leigas apresentam os fenômenos da variação linguística. Com o propósito de transmitir para milhares de pessoas os dizeres e práticas de uma região, os influenciadores empregam nos seus discursos expressões e gírias ditas pelos nordestinos. Destacando dessa maneira a variação linguística, nota-se uma forma exagerada de falar, e por vezes desagradável, o que acaba criando um estereótipo que enfraquece os nordestinos e os representa com discursos ignorantes e de atraso social.

Portanto, a escolha de mencionar os influenciadores @sergiiooliveira e @jaianegrigorio deve-se à significativa repercussão de seus perfis na plataforma digital, bem como ao tema nordestino, especialmente no que diz respeito ao falar regional. Sérgio Oliveira, de Tabira, Pernambuco, e Jaiane Grigorio, do Ceará, têm contribuído para que esse tema ganhe destaque em função da ampla visualização de seus vídeos, curtidas e do número crescente de seguidores que estes alcançam. Essas representações são importantes, pois refletem a região Nordeste, embora diversas encenações apresentem exageros. Dessa forma, foram selecionados quatro vídeos que expõem tais características, comuns no cotidiano, mas frequentemente reinterpretadas de maneira estereotipada.

Assim sendo, essa pesquisa é relevante, pois contribui para o melhor entendimento dessas questões de identidade cultural nordestina. Nesse contexto, questiona-se: as representações exageradas reforçam estigmas ou valorizam o falar nordestino? Para que tenhamos uma visão ampla quando se trata de variação e para instigar a conscientização diante as manifestações linguísticas diferentes.

A pesquisa foi dividida em dois momentos. No primeiro momento, realizou-se um estudo bibliográfico, na qual foram selecionados autores e referências relevantes da área, como Bagno (1999, 2007), Bortoni-Ricardo (2005, 2014), Faraco (2008), Fiorin (2010) e Mussalim e Bentes (2021). No segundo momento, efetuou-se a seleção do material a ser analisado, garantindo que as escolhas estivessem alinhadas ao propósito da pesquisa. Logo, foram selecionados quatro vídeos de perfis dos influenciadores nordestinos, em que é possível identificar mudanças na forma de falar que configuram a variação linguística e são consequências do regionalismo.

A respeito da metodologia utilizada, segundo o que lecionam Marconi e Lakatos (2017, p. 54), foi feita uma pesquisa bibliográfica, pois o texto escrito está de acordo com os materiais disponíveis em livros, teses, artigos científicos acerca do tema. Ainda de acordo com Gil (2002, p. 44), a pesquisa escolhida se caracteriza como um procedimento básico para os estudos monográficos, e é por meio deles que o autor faz a sua busca, dando base à pesquisa. Em seguida, a análise da pesquisa incluiu uma descrição detalhada da rede social TikTok, a partir da qual foram selecionados quatro vídeos para o estudo. Nesta segunda fase, de acordo com Gil (2002, p. 44), foi escolhido como método o qualitativo descritivo, pois, este é o método que descreve características de povos ou acontecimentos, como é o caso do estudo em questão.

Finalmente, o trabalho está estruturado em quatro seções, contando com esta Introdução, que apresenta o assunto da pesquisa de forma clara e atrativa. Na segunda seção, apresenta-se o referencial teórico, que aborda os tópicos sobre Linguagem, sociedade e norma; Sociolinguística e diversidade linguística; e Preconceito e variação linguística no Nordeste. A terceira seção desenvolve a discussão da pesquisa a partir da correlação entre as características linguísticas apresentadas nos vídeos com as reflexões acerca das possíveis consequências sociais. Por fim, na última seção, são apresentadas as considerações finais do trabalho, seguidas das referências bibliográficas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 LINGUAGEM, SOCIEDADE E NORMA

Através do uso da linguagem, as pessoas estabelecem suas relações com o mundo natural e com outras pessoas. Nesse sentido, Mussalim e Bentes (2021, p. 34) declaram que linguagem e sociedade estão interligadas de modo inquestionável a ponto de formarem a base para o desenvolvimento do ser humano, ou seja, a história da humanidade seria a história dos seres humanos organizados em sociedades e detentores de uma língua. Além disso, as autoras (2021, p. 57) destacam que toda língua está adequada à comunidade de fala que a utiliza, sendo um sistema completo que permite a um povo exprimir o mundo físico e simbólico em que habita.

Além disso, Mussalim e Bentes (2021, p. 44) esclarecem que uma comunidade de fala não é definida apenas pela forma como as pessoas se expressam, mas pela forma como interagem e seguem as mesmas regras de comunicação. Para complementar essa ideia, Bagno (1999, p. 33) afirma que está comprovado que uma criança, entre 3 e 4 anos de idade, já domina perfeitamente as regras gramaticais de sua língua. No entanto, segundo o autor, ela ainda não conhece as sutilezas, sofisticacões e irregularidades no uso dessas regras, aspectos que apenas a leitura e o estudo podem proporcionar. Neste sentido, Mussalim e Bentes (1999, p. 44) compreendem que a identidade de uma comunidade linguística é moldada pela troca constante de informações e práticas verbais compartilhadas, assim, a essência de uma comunidade de fala está em seu comportamento comunicativo.

Seguindo esse raciocínio, Bortoni-Ricardo (2014, p. 20) descreve que a comunicação oral é constituída pelos seus integrantes e que o falante recebe de seus ouvintes sinais de retorno que o ajudam a produzir e a modular a sua fala; dessa forma, o ouvinte pode ser considerado o principal elemento do contexto que condiciona a fala de seu interlocutor. Assim, prossegue a autora, a oralidade é uma atividade que ocorre no local de interação e é influenciada pelas circunstâncias do momento da comunicação, demonstrando como essa troca e o contexto imediato incidem na forma como a conversa é conduzida e adaptada em tempo real.

Diante dessa situação, é natural que as línguas e os processos comunicativos sejam muito diferentes. Conforme discutido por Mussalim e Bentes (2021, p. 57), as línguas não são homogêneas, e a variação, observável em todas elas, é um reflexo de sua história, de seu passado e de seu presente. Por isso, complementam as autoras, cada língua e suas variações possuem

valor e significado próprios, refletindo as vivências humanas. As autoras destacam que o aprendizado da linguagem ocorre na convivência social, onde se aprende não apenas a falar, mas também a adaptar a fala conforme o contexto. Nesse sentido, Mussalim e Bentes (2021, p. 52) argumentam que é essencial para os falantes de uma comunidade saber quando utilizar as diferentes formas de linguagem dentro de seu cotidiano, uma vez que os indivíduos precisam ser capazes de alternar entre variedades linguísticas de acordo com a situação.

Considerando todas essas questões, para o membro de uma comunidade de fala, expressar-se em uma língua pode ser algo igualmente banal ou desafiador, dependendo das circunstâncias sociais. Bagno (1999) enfatiza essa visão ao afirmar que:

Uma das principais tarefas do professor de língua é conscientizar seu aluno de que a língua é como um grande guarda-roupa, onde é possível encontrar todo tipo de vestimenta. Ninguém vai só de maiô fazer compras num shopping-center, nem vai entrar na praia, num dia de sol quente, usando terno de lã, chapéu de feltro e luvas. Usar a língua, tanto na modalidade oral como na escrita, é encontrar o ponto de equilíbrio entre dois eixos: o da adequabilidade e o da aceitabilidade. Quando falamos (ou escrevemos), tendemos a nos adequar à situação de uso da língua em que nos encontramos: se é uma situação formal, tentaremos usar uma linguagem formal; se é uma situação descontraída, uma linguagem descontraída, e assim por diante (Bagno, 1999, p. 118).

A analogia com o guarda-roupa demonstra a necessidade de compreender a língua em uma constante adaptação e mudança, e Bagno (1999, p. 107) afirma que a língua é viva e dinâmica, estando em constante movimento e transformação, o que reforça a importância de se ver a linguagem como um processo adaptável.

Essa ideia de adaptabilidade é reforçada por Mussalim e Bentes (2021, p. 47), que enfatizam que qualquer língua, falada por qualquer comunidade, sempre exhibe variações. As autoras declaram que a língua portuguesa, por exemplo, apresenta diferentes modos de falar em países como Brasil, Portugal, Angola, Moçambique, Cabo Verde e Timor-Leste. Essa diversidade reflete as diversas influências culturais e históricas regionais que moldaram a língua ao longo do tempo.

Em relação à diversidade linguística, Faraco (2008, p. 74) aponta que a norma culta faz parte dessas variedades, com propósitos socioculturais. Seu prestígio, no entanto, não se delimita de suas características gramaticais, mas de processos sócio-históricos que agregam valores a ela. Por isso, o autor conceitua norma como um conjunto de elementos linguísticos, na qual as pessoas de um certo grupo falam, priorizando suas línguas usuais.

Nesse contexto, Leite (2019, p. 45) define a norma linguística como um conjunto de regras consensualmente estabelecidas que organizam o conhecimento de uma língua e

sistemizam seus usos, como ocorre no português. Sistematizações que são frequentemente impostas e baseiam-se na ideia de que são a maneira “certa” de usar a língua, o que ajuda a manter uma visão rígida e uniforme sobre ela. Nesse sentido, Bagno (1999, p. 112-113) questiona essa noção ao afirmar que, segundo a ciência, não há “erro de português”, pois todo falante nativo possui plena competência na língua que fala, sendo capaz de reconhecer de maneira natural se um enunciado segue ou não as regras de funcionamento dessa língua. Portanto, a competência linguística deve ser variada e adequada, não apenas um padrão.

Essa perspectiva é reforçada por Bortoni-Ricardo (2005, p. 175), para quem a diversidade de linguagem que antes era vista e considerada uma ameaça ao sistema linguístico, atualmente constitui um suporte necessário para os falantes. A variação linguística preserva tradições e conhecimentos regionais e, ao mesmo tempo, aumenta a eficiência da comunicação e marca a identidade social. Sobre isso, Bagno (1999, p. 21) ressalta que as diferentes variedades linguísticas devem ser vistas como modos igualmente válidos de expressão, em vez de serem consideradas erros ou desvios em relação à norma culta. Como esclarece o autor na seguinte passagem:

Então vale tudo? Algumas pessoas me dizem que a eliminação da noção de erro dará a entender que, em termos de língua, vale tudo. Não é bem assim. Na verdade, em termos de língua, tudo vale alguma coisa, mas esse valor vai depender de uma série de fatores. Falar gíria vale? Claro que vale: no lugar certo, no contexto adequado, com as pessoas certas. E usar palavrão? A mesma coisa (Bagno, 1999, p. 118).

Portanto, a competência linguística deve ser diversificada e adequada ao contexto, não se limitando a um padrão. Como destaca Bagno (1999, p. 47), torna-se essencial compreender e respeitar as diversas formas de comunicação da língua, em vez de tentar atribuir um único local ou a uma única comunidade de falantes o “melhor” ou o “pior” português, e passar a considerar igualmente todas as variedades da língua, que representam um tesouro precioso da cultura.

2.2 SOCIOLINGUÍSTICA E DIVERSIDADE LINGUÍSTICA

É natural que a variação linguística enfrente resistência diante da norma, o que evidencia o quanto é importante essa flexibilidade e acolhimento para as variações naturais, visto que elas refletem as identidades culturais e regionais. Segundo Mussalim e Bentes (2021, p. 47), a sociolinguística estuda a variação e a diversidade linguística como elementos fundamentais da língua, investigando como essas características impactam e refletem nas interações sociais. Sob

essa perspectiva a autora relaciona a Sociolinguística ao considerar a diversidade linguística como uma característica natural e essencial da língua, invés de um problema.

Nesse contexto, Bortoni-Ricardo (2014, p. 11) observa que a Sociolinguística, enquanto ciência autônoma e interdisciplinar, começou a se desenvolver a partir da metade do século XX. No entanto, a autora aponta que, antes da década de 1960, diversos linguistas já estavam elaborando teorias que relacionavam aspectos socioculturais às comunidades de fala em suas pesquisas. Esses estudiosos não separavam o conteúdo linguístico do contexto e do falante, reconhecendo a importância de analisar as condições em que a fala era produzida para uma compreensão mais completa da linguagem. Nesse sentido, a Sociolinguística estuda a língua falada em seu contexto social e situações reais de uso.

Com base nisso, Lima (2019, p. 13) observa que a diversidade linguística é uma realidade presente em todos os grupos sociais. Para o autor, a existência de várias línguas diferentes na sociedade evidencia o quanto a variedade linguística é necessária para vivermos em comunicação com povos de diferentes culturas; e mais, essa sintonia com a diversidade não se limita apenas à relação com culturas únicas, mas promove socialização e valorização com o falar alheio.

No entanto, a variação linguística é relevante também porque revela como as pessoas se expressam de forma diferente dependendo da cultura, localização ou situação social. Seguindo Leite (2019, p. 47), “a variação diatópica (do grego *topos* = lugar), também reconhecida como variação geolinguística ou variação dialetal, é o tipo de processo relacionado a fatores geográficos”. Além disso, o autor (2019, p. 48) salienta que “a variação diafásica (do grego *phasis* = fala) está relacionada às diferentes situações de comunicação e a fatores de natureza pragmática e discursiva, que são impostas em função do contexto de uso da língua”. Ademais, Leite ainda acrescenta que “a variação diastrática (do grego *stratos* = camada, nível) refere-se aos modos de falar que correspondem a códigos de comportamento de determinados grupos sociais”.

Diante da relação de variações abordadas acima, Fiorin (2010, p. 164) reforça a importância da variação lexical, modos pelos quais uma língua pode variar. Segundo o autor, a existência de múltiplos termos para referir-se a um mesmo elemento é apenas uma das formas que evidenciam a variação linguística. Em sintonia com o que foi apresentado por Leite (2019), Fiorin (2010) esclarece que um mesmo vocábulo pode apresentar diferentes formas de pronúncia, dependendo do local (variação diatópica) ou da situação de fala (variação diafásica), seja ela mais formal ou informal. Fiorin (2010) exemplifica a variação no léxico do português ao analisar os termos “jerimum” e “abóbora”, afirmando que:

O que acabamos de ver, ou rever, é um exemplo de variação no léxico do português: ‘jerimum’ e ‘abóbora’ são palavras do português falado no Brasil. Não importa se uma é mais comum num lugar e menos comum no outro. E também não importa se em algum lugar apenas um dos termos seja usado invariavelmente – fato que denominamos uso categórico. O que importa inicialmente, no estudo da variação Lingüística é que ambos os vocábulos podem ser usados para fazer referência a um determinado fruto, de uma determinada planta, que tem um determinado tamanho, uma determinada cor, enfim, um conjunto de características que não permite que ele seja chamado ‘tomate’, por exemplo (Fiorin, 2010, p. 164).

Portanto, a análise da variação no léxico estuda como diferentes palavras são usadas para descrever um objeto sem comprometer a identidade do vocabulário em diversas regiões. Essa abordagem permite expor a riqueza e a diversidade da língua, ressaltando a necessidade de valorizar o vocabulário de todas as regiões, uma vez que muitas expressões e gírias são empregadas de forma similar em diferentes contextos e regiões. Isso evidencia que as línguas variam conforme as diferentes maneiras de comunicação das pessoas. Segundo Bortoni-Ricardo (2005):

A variação ao longo desse *continuum* vai depender de fatores diversos, tais como a mobilidade geográfica, o grau de instrução, a exposição aos meios de comunicação de massa, bem como a outras agências implementadoras da norma culta e urbana, ao gênero, grupo etário, mercado de trabalho do falante etc (Bortoni-Ricardo, 2005, p. 24).

A variação linguística não é apenas um fenômeno de diversidade, mas também de identidade. Assim como acontece em outros campos de estudo, ao analisar uma língua, é relevante levar em conta as variações externas, uma vez que essas influências desempenham um papel fundamental na evolução da língua. A compreensão da variação da língua requer uma avaliação minuciosa das influências sociais e históricas que influenciam sua evolução.

A valorização de todas as variedades linguísticas é indispensável, lembrando que a adequação da linguagem depende do contexto e das necessidades comunicativas. Em vista disso, Leite (2019, p. 48) salienta a importância de compreender que um falante de uma variedade social pode utilizar outra variedade para se comunicar, o que ressalta a significância de todas as variedades e sua adequação às necessidades de uso. A forma de falar pode ser diferente dependendo do contexto e da experiência de cada grupo social, além da variação fonético-fonológica. Bagno (1999) ilustra isso com um exemplo:

Diante de uma tabuleta escrita COLÉGIO é provável que um pernambucano, lendo-a em voz alta, diga Còlégio, que um carioca diga Culégio, que um paulistano diga Cólégio. E agora? Quem está certo? Ora, todos estão igualmente certos. O que acontece é que em toda língua do mundo existe um fenômeno chamado variação, isto

é, nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico (Bagno, 1999, p. 48).

Essas variações na comunicação, além de facilitar a compreensão das dinâmicas sociais, destacam a importância de levar em conta o contexto em que ocorre o diálogo. Compreender essas diferenças não só pode tornar a comunicação mais receptiva, como também promove a empatia entre indivíduos de diversas origens.

2.3 PRECONCEITO E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO NORDESTE

As variedades linguísticas não padronizadas, como os dialetos regionais, as gírias e as formas populares de expressão, tendem a ser desvalorizadas ou menosprezadas. Para Bagno (1999), essa desvalorização está intimamente relacionada às condições econômicas e educacionais que contribuem para a perpetuação do preconceito linguístico. A maneira como nos comunicamos está diretamente relacionada à nossa posição social. O autor exemplifica essa questão ao afirmar que:

Um grupo de indivíduos de maior nível de escolaridade e de melhor situação econômica possivelmente tenderá a evitar realizações como “as pessoa” e “uns carro”, em vez de “as pessoas” e “uns carros”. Trata-se então de um exemplo claro de que as atitudes linguísticas não estão delimitadas apenas por fronteiras geográficas, mas também por fronteiras sociais (Bagno, 1999, p. 175).

Portanto, Bagno (1999) faz menção à divisão social que nossa sociedade vive. Desse modo, pode-se perceber que as atitudes linguísticas não se limitam apenas a diferenças regionais, mas também estão ligadas a diferenças sociais. Isso ocorre porque a gramática normativa desconsidera as variações linguísticas e impõe uma única regra, o que resulta na exclusão e discriminação daqueles que se comunicam de forma diferente. Essa exclusão frequentemente afeta grupos sociais menos favorecidos, perpetuando desigualdades sociais e caracterizando o preconceito linguístico. Tais grupos, muitas vezes, não utilizam a norma culta devido a fatores como o acesso limitado à educação formal e a valorização de suas próprias variedades linguísticas em seus contextos sociais e culturais. Segundo o exemplo abaixo apresentado por Bagno (1999):

Na visão preconceituosa dos fenômenos da língua, a transformação de L em R nos encontros consonantais como em Cráudia, chicrete, praca, broco, pranta é tremendamente estigmatizada e às vezes é considerada até como um sinal do “atraso mental” das pessoas que falam assim. Ora, estudando cientificamente a questão, é fácil descobrir que não estamos diante de um traço de “atraso mental” dos falantes

“ignorantes” do português, mas simplesmente de um fenômeno fonético que contribuiu para a formação da própria língua portuguesa padrão (Bagno, 1999, p. 38).

Para o autor, o preconceito linguístico faz com que essas expressões como “chicrete”, “cráudia” sejam rotuladas como “atraso mental” e até mesmo “ignorância”, sendo que esse modo de falar representa uma variação natural da fala e que faz parte de todas as línguas. Ao enfatizar a importância de valorizar e respeitar as diferentes formas de expressão fonética, observa-se também que os diferentes modos de falar, não são reconhecidos e apreciados pela sociedade, mantendo a desigualdade e desrespeito em relação às variações linguísticas. Bortoni-Ricardo (2005) mostra outra situação que ilustra como a valorização das variedades fonéticas é preocupante, concordando com a visão de Bagno (1999):

Os alunos que chegam à escola falando “nós chegemu”, “abrido” e “ele drome”, por exemplo, têm que ser respeitados e ver valorizadas as suas peculiaridades linguístico-culturais, mas têm o direito inalienável de aprender as variantes do prestígio dessas expressões. Não se lhes pode negar esse conhecimento, sob pena de se fecharem para eles as portas, já estreitas, de ascensão social. O caminho para uma democracia é a distribuição justa de bens culturais, entre os quais a língua é o mais importante (Bortoni-Ricardo 2005, p. 15).

O preconceito linguístico afeta várias áreas da vida, causando sentimentos de inferioridade e dificuldades em contextos sociais, no trabalho, nas redes sociais e nas amizades. Portanto, a educação escolar deve incluir no ensino uma reflexão a respeito das variações, em vez de se limitar a uma única norma gramatical, desenvolvendo uma abordagem mais acolhedora e inteligente. Para Bagno (1999), esse processo começa com a democratização dos recursos culturais, sendo a língua um elemento principal. O autor ainda aponta que:

Por mais que isso nos entristeça ou irrite, é preciso reconhecer que o preconceito linguístico está aí, firme e forte. Não podemos ter a ilusão de querer acabar com ele de uma hora para outra, porque isso só será possível quando houver uma transformação radical do tipo de sociedade em que estamos inseridos, que é uma sociedade que, para existir, precisa da discriminação de tudo o que é diferente, da exclusão da maioria em benefício de uma pequena minoria, da existência de mecanismos de controle, dominação e marginalização (Bagno, 1999, p. 127).

Em síntese, para estimular a cidadania, é necessário enfrentar e questionar o preconceito linguístico, promovendo uma convivência respeitosa e justa em todas as áreas da sociedade. As consequências desse preconceito têm um impacto significativo, prejudicando a diversidade cultural e linguística ao separar grupos sociais e tratar alguns como superiores e outros como inferiores.

Em vista disso, as diversas regiões do Brasil, assim como Alburque Júnior (2011, p. 120) trata, demonstram uma notável capacidade de integrar diferentes influências, manifestando identidades que unem elementos do passado e do presente. O aspecto linguístico, por exemplo, é uma das influências mais notáveis que ilustram essa capacidade de absorção e transformação cultural, mas não se limita a região Nordeste, sendo observada em todo o país.

Como menciona Fiorin (2010, p. 163), o sotaque e algumas expressões do carioca, por exemplo, podem apresentar diferenças significativas em relação a outras regiões do Brasil. Contudo, ainda assim, a comunicação é, em grande parte, compreendida. Apesar disso, quando as diferenças culturais e linguísticas são mais marcadas, podem surgir dificuldades na comunicação, especialmente no que diz respeito ao léxico. Por isso, a importância de olhar com mais atenção essa variedade linguística no Nordeste. Conforme relatado por Albuquerque Júnior (2011):

O “falar nordestino” como aquele marcado por uma pronúncia demorada, arrastada, em que se dizem todas as vogais marcadas e abertas, de onde vem impressão do falar cantando. As locuções “de manhã”, “de tarde”, e “de noite” soariam sempre com o “e” transformando em “i”: “di manhã”, “di tarde”, “di noite” (Albuquerque Júnior, 2011, p. 136).

Sendo assim, é importante reconhecer as peculiaridades da “fala nordestina”, pois representa uma das ricas expressões que nosso Brasil possui, refletindo sua riqueza cultural e histórica. Além disso, a representação da fala é um aspecto forte da região, visto que é exposto pela mídia e por influenciadores de modo que traga entretenimento, afetando de forma positiva, como também negativa o nordestino, em específico, sua fala. É o que destaca Bagno (1999) no trecho abaixo:

Como se vê, do mesmo modo como existe o preconceito contra a fala de determinadas classes sociais, também existe o preconceito contra a fala característica de certas regiões. É um verdadeiro acinte aos direitos humanos, por exemplo, o modo como a fala nordestina é retratada nas novelas de televisão, principalmente da Rede Globo. Todo personagem de origem nordestina é, sem exceção, um tipo grotesco, rústico, atrasado, criado para provocar o riso, o escárnio e o deboche dos demais personagens e do espectador (Bagno, 1999, p. 41).

Portanto, não concordamos com essa representação da Rede Globo porque, como já mencionado, muitas outras regiões do Brasil apresentam formas diferenciadas de fala. Criticar e ridicularizar exclusivamente o Nordeste na mídia é uma injustiça que perpetua estereótipos e preconceitos. O pior é que essa representação negativa veiculada na mídia agrava ainda mais a

situação negativa com a imagem do nordestino e o “falar nordestino”. Como observa Chammas (2009):

[...] a gíria “oxente”, por exemplo, é utilizada em diversos estados nordestinos para expressar surpresa, exclamação – isso ninguém discute. Mas até onde se sabe, não há uma cidadezinha sequer onde a palavra seja pronunciada com a primeira vogal aberta (“óxente”), como é largamente reproduzida – com a maior propriedade – por cariocas e paulistas que tentam imitar a fala nordestina (Chmmas 2009, p. 33).

Muitas vezes, as pessoas de outras partes do Brasil não conhecem bem o sotaque nordestino, porque elas conhecem um sotaque falso fruto da mídia o que pode levar à criação de estereótipos e exageros nas imitações e expressões. É importante lembrar que certas expressões, gírias e modos de falar, frequentemente atribuídos exclusivamente ao Nordeste, também estão presentes em diversas outras regiões do país, como será explorado na discussão da pesquisa na próxima seção.

No Nordeste, assim como em outras regiões, as variações na forma de falar fazem parte da cultura. Como relata Lima (2019, p. 23), é essencial reconhecer as variedades linguísticas e desmistificar os estereótipos alimentados pela mídia, jornais e livros didáticos. A língua é heterogênea, refletindo a sociedade, e deve ser considerada. Essa contribuição para a diversidade linguística torna-se uma responsabilidade de todos os cidadãos, pois é fundamental para a construção de uma nação mais respeitosa em relação às diferentes formas de expressão.

3 ANÁLISE DO *CORPUS* E DISCUSSÃO DA PESQUISA

A presente seção apresenta a seleção de quatro vídeos, sua descrição e a análise, primeiramente. Após a exposição destes, é feita a discussão dos resultados apresentados. A figura 1, a seguir, apresenta o perfil da influenciadora analisada em dois vídeos que serão abordados neste estudo.

Figura 1 – Captura da tela do *TikTok* da influenciadora @jaianegrigorio



Fonte: *TikTok* (2024).

Segundo descrito em seu perfil, Jaiane Grigorio é uma influenciadora digital brasileira do interior do Ceará com mais de 2 milhões de seguidores na plataforma digital *TikTok*. Em seus humorísticos, ela afirma retratar o estilo de vida “nordestino”. Para tanto, em suas produções, Jaiane Grigorio encena a realidade da vida na fazenda e julga apresentá-la de forma autêntica. A influenciadora já alcançou a marca de mais de 21 milhões de curtidas em seus vídeos. Vejamos a descrição e a análise de um de seus vídeos.

Análise 01 – *Qual desses tu fala? #palavrasnordestinas #línguas*¹

O objetivo de Jaiane Grigorio nessa postagem é de apresentar itens lexicais característicos da fala nordestina. Para captar a atenção do público, a influenciadora anuncia: “Coisas que nordestinos fala que fora do Nordeste, tu não entende”. Intencionalmente exagerado, o objetivo da chamada é claramente provocar o interesse do interlocutor. Dessa

¹ @jaianegrigorio. *Qual desses tu fala? #palavrasnordestinas #línguas*. *TikTok*, 31 mar. 2023. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@jaianegrigorio/video/7216770560553012486>. Acesso em: 14 nov. 2024.

forma, Jaiane evidencia os usos linguísticos de uma comunidade de fala tida como nordestina e busca destacar elementos que marcam essa particularidade regional. A influenciadora acredita que essas marcas são prontamente reconhecidas pelos nordestinos, principalmente por causa do léxico específico e pela expressividade fonética. De fato, essas marcas são percebidas e comentadas pelo público, seja enaltecendo o regionalismo dessas marcas, seja questionando se elas são de fato exclusivas da região Nordeste.

No exemplo abaixo, Jaiane Grigorio simula como seria o diálogo entre duas pessoas, reforçando de maneira estereotipada uma fala que, apesar de buscar representar a região, limita-se a uma visão superficial da variação linguística nordestina. Esse tipo de conteúdo, ao viralizar, contribui para perpetuar a ideia errônea de que existe apenas uma única maneira de falar no Nordeste, ignorando a rica diversidade linguística presente na região.

“Coisas que nordestinos fala que fora do Nordeste, tu não entende”

- Aqui a gente não fala “com licença”

- Sai do mêi.

- Aqui a gente não fala, “igualzinho”

- É mermo que tá vendo cagado e cuspidado.

- Aqui a gente não fala, “já tomou café da manhã?”

- Já merendou?

“Olhe ele ali zombando de você”

- É não, tão mangando de tu.

- Aqui a gente não fala, “que calor é esse”

- Valei-me meu padin ciço que Quintura /Mormaço.

- Aqui a gente não fala, “tô com fome”

- Tô brocado.

-Aqui a gente não fala, “é bem longe”

- Lá na baixa da égua/ Cafundó do Judas/ Onde o cão perdeu as botas/ Nos quintos dos infernos.

- Aqui a gente não fala, “to indo embora”

- Vou capar o gato.

“Acabou o vídeo?”

- Morreu maria préa.

Esses falares são apresentados como se fossem representativos de toda a região, sem considerar as reais características linguísticas e a diversidade local. Embora o objetivo dos vídeos seja promover o humor eles acabam reforçando estigmas e preconceitos sobre os falantes. Dessa forma, o conteúdo que deveria ser apenas brincalhão, contribui para a perpetuação de estereótipos.

Talvez as expressões em destaque, como “sai do mêi” e “já merendou?”, sejam autênticas do dialeto nordestino em alguma região, fazendo parte da sua identidade cultural. No entanto, quando esses termos são apresentados de maneira simplificada pelos influenciadores, pode haver uma transmissão de estereótipos e generalizações que levem a preconceitos linguísticos.

Portanto, as frases como "aqui a gente não fala 'com licença', fala 'sai do mêi'" podem induzir a percepção de que o modo de falar no Nordeste é marcado por simplicidade ou informalidade excessiva e até mesmo grotesco dependendo do contexto. Logo, esse tipo de generalização pode reforçar estigmas negativos e promover uma visão distorcida da fala nordestina, sugerindo que ela é “menos correta” ou inferior em comparação a outras formas de falar no Brasil. Passemos à descrição e análise de outro vídeo postado pela influenciadora.

Análise 02 – Conheciam algum? #partesdocorpo #nordestinos²

A influenciadora cearense apresenta o vídeo intitulado “Partes do corpo no Nordeste”, destacando com ênfase a origem nordestina para atrair a atenção do público. Isso ocorre porque o estereótipo associado à região é o de que tudo relacionado ao nordestino é visto como entretenimento e motivo de graça. Nesse contexto, ela inicia dizendo que irá falar em “nordestinês”.

“Partes do corpo no Nordeste”

“Tornozelo”

- Mocotó.

“Panturrilha”

- Batata da perna.

² @jaianegrigorio. *Conheciam algum? #partesdocorpo #nordestinos*. TikTok, 02 fev. 2023. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@jaianegrigorio/video/7195630939907558662>. Acesso em: 14 nov. 2024.

“Joelho”

- Joêi / Bolacha do joêi.

“Virilha”

- Viria.

“Barriga”

- Bucho.

“Canela”

- Cambito.

“Axila”

- Suvaco.

“Umbigo”

- Imbigo.

“Tórax”

- Titela.

“Cabeça”

- Quengo.

“Punho”

- Munheca.

“Cotovelo”

- Cutuvelo

“Queixo”

- Taba do queixo.

“Nariz”

- Venta / Pau da venta.

“Lábios”

- Beiço.

É importante ressaltar que essas expressões não são exclusivas do vocabulário nordestino, pois estão presentes em diversas regiões do país, uma vez que se tratam de substituições lexicais que podem se manifestar em qualquer lugar. Essa afirmação pode ser confirmada pelos comentários no próprio vídeo, nos quais pessoas de outras regiões relatam utilizar as mesmas expressões ao se referirem às partes do corpo. Na figura 2, apresentamos o perfil do influenciador digital analisado em dois vídeos que serão abordados neste estudo.

Figura 2 – Captura da tela do *TikTok* do influenciador @sergiiooliveira



Fonte: *TikTok* (2024).

O Menino do Pão Doce

Sérgio Oliveira, influenciador digital e *tiktoker* é conhecido na rede social como “O Menino do Pão Doce”, e se apresenta natural da cidade de Tabira. Atualmente, conta com mais de 334 mil seguidores, tendo já alcançado 4,9 milhões de curtidas em seus vídeos. Sérgio Oliveira afirma representar o Nordeste por meio de vídeos humorísticos e destaca-se por uma abordagem considerada autêntica e bem-humorada. Vejamos a descrição e a análise de um de seus vídeos.

Análise 03 – Vídeo sem Título³

Apesar do vídeo não ter título explícito, Sérgio Oliveira anuncia que falará sobre “O verbo cuidar para os nordestinos”, retratando como este verbo é utilizado na região e o significado que assume no contexto nordestino. Embora o verbo “cuidar” seja amplamente usado, independentemente da região, os comentários revelam a surpresa de muitas pessoas, como “Oxe, achei que todo mundo falava assim kkkkkk”, “Descobri que moro em Pernambuco e sou nordestina”, “Tô começando a achar que eu não moro no Norte kkkkkk”, e “Aqui no Pará

³ sergiiooliveira. [Vídeo no TikTok]. TikTok, 15 mai. 2023. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@sergiiooliveira/video/7233425183309106438>. Acesso em: 14 nov. 2024.

tem o mesmo significado pra gente também kkkk”. Esses exemplos mostram que a linguagem não é exclusiva de uma região, e que, ao ser compartilhado dessa forma, o conteúdo tem potencial para viralizar, pois as pessoas se identificam e se manifestam, demonstrando que a comunicação ultrapassa fronteiras regionais. Não é apenas o nordestino que consegue utilizar verbos para expressar significados variados.

“O verbo cuidar para os nordestinos”

“Eu vou cuidar”

- Ir embora.

“Tu já cuidou?”

- Apressar alguém.

“Cuida da tua vida”

- Conselho.

“Tem cuidado não”

- Presta atenção.

Esse modo de falar atribuído ao nordestino envolve expressões comuns do dia a dia, nas quais o verbo “cuidar” assume sentidos literais e figurados, demonstrando a adaptabilidade da língua ao contexto. Pode-se perceber, assim, como a linguagem se adapta e se transforma conforme a situação comunicativa, refletindo a flexibilidade e a riqueza da variação linguística. Passemos à descrição e análise de um segundo vídeo disponibilizado pelo influenciador.

Análise 04 – Parte 7 #para você #fy #nordestino⁴

Sérgio Oliveira, utiliza legendas em seus vídeos com o objetivo de sinalizar que o conteúdo tratará de questões culturais e linguísticas do Nordeste. Como de costume, ele inicia o vídeo com um breve anúncio para captar a atenção dos internautas: “Palavras melhores de pronunciar do que as originais”. Esse trecho desperta curiosidade, levando o público a questionar por que essas palavras seriam melhores. Em seguida, ele explora expressões que

⁴ sergiiooliveira. *Parte 7 #para você #fy #nordestino*. TikTok, 16 fev. 2022. Disponível em: https://www.tiktok.com/@sergiiooliveira/video/7065421135420214534?is_from_webapp=1&sender_device=pc&web_id=7398235488064767494. Acesso em: 14 nov. 2024.

refletem ideologias linguísticas e preconceitos, as quais, embora sejam estruturadas ocasionalmente para gerar humor, também são comumente utilizadas pelos próprios falantes da região.

“Palavras melhores de pronunciar do que as originais”

“Tábua”

- Taba

“Vassoura”

- Bassôra

“Colher”

- Cuié

“Bicicleta”

- Bicicreta

“Essa noite”

- Assanoite

“Outros”

- Zôto

“Joelho”

- Juêi

“Ilumina”

- Alumêa

No entanto, essas expressões, ao buscar o efeito cômico, acabam por perpetuar o preconceito, muitas vezes sem que os próprios falantes percebam, refletindo as variações lexicais presentes no cotidiano. Além disso, essas modificações também se tratam de metaplasmos, que segundo Bagno (2007, p. 08) é uma mudança na estrutura de uma palavra, ocasionada por acréscimo, remoção ou deslocamento dos sons de que ela é composta. Assim, evidenciando a flexibilidade e as adaptações da língua dentro de contextos regionais e culturais.

Com base no que foi apresentado e comentado até o momento passamos para a análise das discussões, com o intuito de aprofundar a compreensão dos fenômenos observados. A plataforma digital é um local onde a sociedade contemporânea está presente, pois é nele que ocorrem diversas práticas sociais. Como exemplo, nos vídeos selecionados para a análise, é possível observar a presença de uma variação linguística influenciada pelo regionalismo nordestino, que exige atenção. No entanto, essa variação não deve ser limitada apenas ao

Nordeste, pois reflete dinâmicas culturais e linguísticas mais amplas presentes em outras regiões e contextos. Em tempos passados, o contato com essa variação era restrito aos povos pertencentes a uma mesma região. Hoje, basta estar em um aplicativo de rede social para que esse conhecimento seja acessível e observado por um público maior, podendo expor verdades e mentiras de quaisquer regiões.

A língua portuguesa falada e escrita no território brasileiro sofre modificações de acordo com as regiões em que ela é praticada. Neste sentido, o regionalismo pode ser definido como a forma com que os indivíduos se expressam nas regiões do país (Norte, Nordeste, Sul, Sudeste, Centro-Oeste), havendo forte influência tanto da cultura como das questões históricas relativas aos lugares, (Albuquerque Júnior, 2011, p. 120). A partir disso, cumpre reforçar que podem existir variações diatópicas (relativas à geografia), variações diacrônicas (que dizem respeito à história), variações diastráticas (que variam de acordo com o grupo social) e variações diafásicas (linguagem forma *versus* linguagem informal) (Leite, 2019, p. 47-48).

Segundo Bagno (2007, p. 8-13), existem quatro tipos de metaplasmos: por acréscimo, por supressão, por transposição e por transformação. Por acréscimo, podem ser epêntese, que ocorre no meio da palavra; prótese e aglutinação, que ocorre no início da palavra; e, paragoge, que ocorre no final da palavra. No caso da supressão, podem ser a aférese, no início da palavra; síncope, no meio da palavra; apócope, no fim da palavra; crase, que é a junção de duas vogais em uma só; e, sinalefa, que é quando a vogal é suprimida pelo fato da outra palavra começar com uma vogal. Por transposição, podem ser metátese e hipértese, quando há a transposição de um seguimento sonoro na mesma sílaba ou de uma para a outra, respectivamente; e, hiperbibasmo (sístole e diástole), quando há um deslocamento do acento tônico da palavra que pode ocorrer na sílaba anterior (sístole) ou posterior (diástole). Por fim, por transformação, podem ser vocalização (transformação de consoante em vogal), consonantização (transformação de vogal em consoante), nasalização (transformação de um segmento oral em nasal) e desnasalização (o inverso), sonorização, palatização, assibilação, assimilação e dissimilação, apofonia e metafoia.

De acordo com os estudos de Ricardo (2005, p. 15), a língua de determinado povo pode sofrer diversificações tanto na fonética como na estrutura das palavras. Na transcrição dos vídeos, é possível observar exemplos de metaplasmos em processo dos três fenômenos, adição, supressão e transformação. Além disso, a representação da identidade nordestina pela linguagem é bastante perceptível em todos os quatro vídeos selecionados. No termo “tu já cuidou”, além da divergência de concordância verbal (tu já cuidaste), há também um significado

diverso do que é geralmente atrelado ao verbo “cuidar”, configurando uma característica própria, mas não exclusiva do regionalismo nordestino.

Mussalim e Bentes (2021, p. 57) refletem que Saussure aponta para a língua homogênea e engessada, o que é possível considerar, em partes, um equívoco, pois, em seus estudos, somente a língua é objeto de estudo, não importando a fala. Contudo, nota-se que ambas caminham juntas, e a língua pode até ser mais formal, mas a fala configura também uma forma de expressão de um povo, sendo importante considerá-la. Neste sentido, ainda segundo as autoras, a teoria sociolinguística trouxe consigo uma importante interpretação, uma vez que passou a considerar a variação na estrutura da língua, caracterizando-a como heterogênea e reflexo da evolução e história de um povo. O quadro 1, a seguir, evidencia a análise e a classificação dos termos presentes nos vídeos 02 e 04, conforme os tipos de metaplasmos e a substituição lexical.

Quadro 1 - Análise das palavras do vídeo 02 “Partes do corpo no Nordeste”

TIPO DE METAPLASMO	DESCRIÇÃO MARCOS BAGNO (2007)	PALAVRA ORIGINAL	EXEMPLO COM METAPLASMO
TRANSFORMAÇÃO	Alçamento vocálico: Vogal média-alta se transforma em vogal alta. Yeísmo: Vocalização da lateral palatal.	JOELHO	JUÊI
TRANSFORMAÇÃO	Yeísmo: Vocalização da lateral palatal.	VIRILHA	VIRIA
TRANSFORMAÇÃO	Assimilação: É a mudança de um segmento sonoro num segmento igual ou semelhante a outro existente na mesma palavra.	UMBIGO	IMBIGO
TRANSFORMAÇÃO	Alçamento vocálico: Vogal média-alta se transforma em vogal alta.	COTOVELO	CUTUVELO
PALAVRAS POR SUBSTITUIÇÃO LEXICAL			
PALAVRA ORIGINAL		SUBSTITUIÇÃO LEXICAL	
Tornozelo		Mocotó	
Panturrilha		Batata da perna	
Barriga		Bucho	

Canela	Cambito
Axila	Suvaco
Tórax	Titela
Cabeça	Quengo
Punho	Munheca
Queixo	Taba do queixo
Nariz	Venta
Lábios	Beço

Fonte: Elaboração própria, com base nos dados da pesquisa.

Observando, ainda, o que dizem os vídeos, é possível notar a forte identidade do povo nordestino e as variações lexicais. Hall (2006, p. 13) considera como algo definido historicamente e não biologicamente. Para o autor, o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos e é por esse motivo por este motivo que formas de falar distintas podem ser notadas em pessoas mais velhas e pessoas mais novas. No quadro 2, apresentamos a análise e classificação dos termos presentes no vídeo 4, conforme os metaplasmos.

Quadro 2 – Análise das palavras do vídeo 04 “Palavras melhores de pronunciar do que as originais”

TIPO DE METAPLASMO	DESCRIÇÃO MARCOS BAGNO (2007)	PALAVRA ORIGINAL	EXEMPLO COM METAPLASMO
SUPRESSÃO	Síncope: é a supressão de um segmento sonoro no meio da palavra.	TÁBUA	TABA
TRANSFORMAÇÃO	Sonorização: é a transformação de uma consoante surda na consoante sonora homorgânica.	VASSOURA	BASSÔRA
TRANSFORMAÇÃO	Alçamento vocálico: Vogal média-alta se transforma em vogal alta. Yeísmo: Vocalização da lateral palatal.	COLHER	CUIÉ
TRANSFORMAÇÃO	Rotacismo: troca da consoante líquida lateral /l/ pela consoante líquida vibrante /r/.	BICICLETA	BICICRETA
TRANSPOSIÇÃO	Metátese: É a transposição de um segmento sonoro na mesma sílaba: pro > por; semper > sempre; inter > entre.	ESSA NOITE	ASSANOITE

<p>TRANSPOSIÇÃO + SUPRESSÃO</p>	<p>Metátese: É a transposição de um segmento sonoro na mesma sílaba: pro > por; semper > sempre; inter > entre.</p> <p>Aférese: É a supressão de um segmento sonoro no início da palavra: acume > gume; attonitu > tonto; episcopu > bispo.</p>	<p>OUTROS</p>	<p>ZÔTO</p>
<p>TRANSPOSIÇÃO + ACRÉSCIMO</p>	<p>Metátese: É a transposição de um segmento sonoro na mesma sílaba: pro > por; semper > sempre; inter > entre.</p> <p>Epêntese: É o acréscimo de um segmento sonoro no meio da palavra: stella > estrela; humile > humilde; mero > ombro.</p>	<p>ILUMINA</p>	<p>ALUMÊA</p>

Fonte: Elaboração própria, com base nos dados da pesquisa.

Para Bagno (1999, p. 175), nas mais diversas regiões, culturas e níveis de escolaridade, as variações com as quais a língua é pronunciada demonstram dinamicidade. Mesmo quando o acontecimento da variação é sutil, percebe-se um contínuo processo de modificações, sejam elas orais ou escritas. Assim, Lima (2019, p. 13) compreende que a mudança linguística é algo que não se pode evitar, sendo uma metamorfose própria e natural, e reconhecer estas mudanças e variações é essencial para não haver preconceito.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este estudo, foi possível observar como os influenciadores digitais do *TikTok* abordam a fala nordestina, destacando-se pelas suas escolhas linguísticas, como os metaplasmos e as substituições lexicais. Esses elementos são fundamentais para a construção das imagens e representações culturais do Nordeste, muitas vezes associadas a estereótipos e exageros.

A língua, principal forma de expressão de um povo, possui um alto potencial de adaptação. De acordo com o lugar, a época, a idade e o contexto social de quem fala, ela é capaz de sofrer transformações, mas ainda assim manter sua função primordial de gerar a comunicação necessária. Seja na forma escrita ou falada, a linguagem não apenas facilita a comunicação, mas também fornece informações valiosas sobre a cultura, a identidade, revelando aspectos importantes da sociedade em que estão inseridos.

No cenário virtual das redes sociais, acontece todo um estudo e planejamento do material que será apresentado ao público. Os influenciadores adotam meios para chamar atenção dos internautas e, principalmente, estratégias para gerar entretenimento que traga riso nas pessoas. O foco dos vídeos pesquisados portanto, é o falar e os dizeres contidos no cotidiano dos nordestinos, o que acaba desvalorizando e ridicularizando a cultura social nordestina.

Por essa razão, ao visualizar os vídeos, é necessário adotar um posicionamento crítico quanto às variações linguísticas representadas em diferentes situações. As pessoas precisam ter um conhecimento maior sobre o fenômeno da variação linguística para, ao assistirem a essas situações, discernirem entre o cômico e a realidade. Muitas vezes, o que é apresentado não representa a diversidade linguística, mas reforça estereótipos linguísticos. Por isso, é importante compreender o que se passa nos bastidores e o que é colocado em destaque para gerar visualizações e ser percebido como verdade. Quando algo é mostrado na internet, tende a ser validado como verdadeiro, de forma que acabamos por aceitar o que está exposto.

Expressões populares, formas diferentes de nomear algo, supressão de fonemas nas palavras, distintos significados para uma mesma palavra, enfim, tudo o que a sociolinguística reconhece como língua brasileira heterogênea é reflexo da variação, que é constante e inevitável. No caso do “nordestinês” analisado neste trabalho, há uma questão que permeia a divulgação dos vídeos por parte dos influenciadores digitais: essa disseminação dos costumes linguísticos que os influenciadores Nordestinos expõem, são reconhecimento da identidade linguística. É impossível compreender o que, de fato, é tido como o interesse desses influenciadores digitais, no entanto a sociedade brasileira tem um jeito próprio de se comunicar,

por isso não se deve evidenciar apenas o Nordeste, até porque toda língua varia, acontece nas mais diversas regiões.

Assim, embora o uso dessas expressões possa parecer uma celebração da identidade regional, ele também corre o risco de reduzir a complexidade da variação linguística nordestina. Portanto, é necessário que haja uma atenção redobrada na análise dessas representações para evitar generalizações que podem reforçar visões negativas sobre o Nordeste. A compreensão adequada da variação linguística deve levar em conta a diversidade e a autenticidade dos usos linguísticos, sem se deixar levar por interpretações exageradas promovidas na rede social.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011. Capítulo 2, Espaços da saudade.
- BAGNO, Marcos. **Gramática histórica: do latim ao português brasileiro**. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- CHAMMAS, Priscila. **O estereótipo do nordestino na televisão brasileira**. 2009. Monografia (Graduação em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.
- FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução à Linguística**. Edição revista e atualizada. São Paulo: Contexto, 2010.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP e A, 2006.
- LEITE, Edson Jan Rodrigues. Unidade e diversidade na língua. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA. **Fundamentos de linguística**. Campina Grande: Ed. da Universidade Estadual da Paraíba, 2019. Cap. 5, p. 45-56.
- LIMA, Taiana da Silva. **O que você acha do falar nordestino?: crenças e atitudes linguísticas de universitários não nordestinos do Campus do Sertão da UFAL**. 2019. Monografia (Graduação em Letras-Português) – Universidade Federal de Alagoas, Campus Sertão, Delmiro Gouveia, 2019.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. Volume 1. São Paulo: Cortez editora, 2021.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cutrix, 2006.

SOUSA, J.; LIMA, L. Regionalismo e variação linguística: uma reflexão sobre a linguagem caipira nos causos de Geralinho. **Rev. Inst. Estud. Bras.** Ed. 72, 2019.